

FARJALLAT, C. Siqueira. A mulher como força expressiva no mundo do trabalho. Correio Popular, Campinas, 01 nov. 1981.

A MULHER COMO FORÇA EXPRESSIVA NO MUNDO DO TRABALHO

A mulher sempre esteve presente na tarefa de trabalhar pelo lar, pela cidade e pelo País, embora sua presença não fosse computada. Em alguns países, o valor do trabalho doméstico feminino; da dona de casa, foi calculado. Afinal, cozinhar, limpar a casa, cuidar das crianças, lavar e passar a roupa são serviços pesados, que a dona de casa das classes menos favorecidas faz, diariamente, sem remuneração. Mas, em 1973, nos Estados Unidos, Gbraith estimou em mais de 13 mil dólares anuais este trabalho de uma dona de casa norte-americana.

No Brasil, a economista Maria E. Morais, da USP, calculou que se uma dona de casa recebesse o salário mínimo, ainda isso representaria remuneração inferior ao muito que ela realiza numa tarefa que não tem fim, nem descanso de fim de semana, nem férias remuneradas ou garantias trabalhistas.

Na verdade, a dona de casa não recebe nada, exceto reclamações. Por isso, a sociedade tem uma dívida secular relativamente ao trabalho doméstico, feito por estas heroínas obscuras, e muitas vezes incompreendidas: as donas de casa e mães de família.

A socióloga Carmem Barroso acha ainda que muitas destas tarefas domésticas poderiam ser executadas em escala industrial, de forma mais eficiente e econômica, liberando a mão-de-obra feminina para o exercício de outras funções, principalmente no caso de a dona de casa também trabalhar fora. Por exemplo, indústrias de limpeza poderiam deixar em ordem os interiores das casas, os pátios e jardins das residências. Empresas de alimentação fariam a entrega pontual e a domicílio das refeições. Empresas fariam a lavagem e secagem da roupa, e ainda se encarregariam de sua conservação (pregar botões, costurar barras, consertar rasgões).

AS OCUPAÇÕES MAIS PROCURADAS PELAS MULHERES BRASILEIRAS

Estatísticas comprovam que mais de 80% das mulheres que trabalham no Brasil concentram-se em dez ocupações: empregadas domésticas, trabalhadoras rurais, professoras primárias, auxiliares de escritório, costureiras, lavadeiras, balconistas,

serventes, enfermeiras sem diploma e tecelãs. Estas são exatamente as ocupações de menor remuneração e de menor prestígio.

Muitas mulheres são "bóias-frias", e não possuem vínculo empregatício algum, trabalhando em ambiente de insegurança. Nas fazendas têm pagamento inferior ao dos homens para igual jornada de trabalho. Aliás, o Censo de 70 revelou um quadro trágico, que, ao que consta, pouco mudou: "quase metade não têm rendimento, e 38,5% ganham menos de 60% do salário mínimo."

As diferenças contra a mulher, no mercado de trabalho, são impressionantes: mais de 50% das mulheres que trabalham no Brasil recebem um salário mínimo, ou menos; mas no ponto mais alto da escala de renda (acima de 30 salários mínimos) existe apenas uma mulher para 60 homens.

Segundo estudos do IPEA, órgão da Secretaria de Planejamento da Previdência da República, em todas as regiões brasileiras, os salários das mulheres são sempre inferiores aos dos homens de igual instrução. E na indústria paulista, segundo pesquisa do IPEA, da USP, em levantamento efetuado há dez anos, os homens tinham salário/hora de cerca de 57% maior do que as mulheres. Mesmo nas profissões de secretário e tradutor o salário do homem era cerca de 25% maior.



A MULHER TRABALHA, EM GERAL MAIS DO QUE O HOMEM

As mulheres de nossos dias, em geral, trabalham tanto ou mais do que os homens. Conquistaram, através de estudos e concursos, lugares no funcionalismo, nas carreiras liberais, na magistratura. A conquista tem sido difícil, e marcada por muitas lutas.

Tem havido nos últimos tempos, sensível aumento de participação feminina no mercado de trabalho. Em 1950, a proporção de atividade feminina era apenas de 14,6%; em 70, subia a 18,6%; em 80 já ascendia a 34,1%.

As mulheres casadas sofrem uma série de restrições quanto à sua incorporação ao mercado de trabalho, e apresentam-se em número quatro vezes menor do que o de solteiras. O motivo é evidente: as leis que protegem o trabalho da gestante, da mãe que amamenta, da mulher em geral, quanto ao trabalho noturno dificultam sua aceitação pelos patrões.

A mulher que trabalha fora (e seu número aumenta dia a dia) enfrenta muitos problemas. Primeira, ela raramente tem uma retaguarda isto é, uma empregada doméstica que a substitua em trabalhos caseiros, como cozinhar e limpar a casa. Então, a dona de casa se desgasta, trabalhando duplamente; fazendo todo o serviço de casa, de madrugada ou à noite e aos domingos; ou se sujeita a todos os caprichos das domésticas, pagando-lhes altos salários, e suportando-lhes todas as exigências.

ESTAS CONSEGUIRAM O DIFÍCIL EQUILÍBRIO: CASA E TRABALHO FORA

Dez filhos, mais de dez horas de trabalho fora de casa, uma intensa atividade intelectual, mui-



Jovens ou idosas, a luta é sempre muito grande, sobretudo nas zonas periféricas...

FARJALLAT, C. Siqueira. A mulher como força expressiva no mundo do trabalho. Correio Popular, Campinas, 01 nov. 1981.

ta coragem e otimismo — eis os traços dominantes da vida da professora Maria Benedita Santoro.

Atualmente, ela leciona Português e Literatura no Pio XII e no Notre Dame. Mas, durante mais de 30 anos labutou no ensino primário estadual,



Maria Guidice de Albuquerque Cavalcanti, 42 anos lecionando na Escola Normal

exatamente quando seus filhos eram pequenos e ainda exigiam muito de seus cuidados e dedicação.

Dona Benedita fez mais ainda. Abriu em sua casa curso de admissão ao antigo Ginásio (nos tempos em que vencer esta barreira era uma vitória) e tinha mais de uma centena de alunos. Dava também aulas de repetição para ginásianos e universitários, principalmente em Matemática e Português. Os resultados foram sempre muito bons, porque dona Benedita ensinava com talento, e incentivava os estudantes. Mesmo os mais vadios rendiam-se ao encanto de sua personalidade e às estratégias de sua didática.

Quem em Campinas desconhece dona Benedita? Quem, como esta corajosa, simples e esforçada professora conseguiu tanto, lidando com tantas centenas de crianças e adolescentes?

DONA VANDIR, A MÃE DOS FAVELADOS

Esposa de engenheiro agrônomo, mãe de três adolescentes, dona de casa mineira, o que vale dizer caprichosa nos quitutes e minuciosa nos arranjos, Vandir Carvalho Dias começou a trabalhar com favelados em sua própria casa, há quase vinte anos.

A princípio, servia sopa aos mais pobres, no quintal de sua residência. Depois, a filha de mulheres com crianças pequenas, cresceu muito, e Vandir pensou em ampliar seu trabalho. Formou equipes de voluntárias: organizou planos, e sem verbas oficiais, contando apenas com a ajuda de pessoas amigas, ergueu a primeira sede, no Gra-meiro. Ali surgiu a Sopa dos Pobres, que se tornaria famosa. E com a sopa, surgiram outros serviços assistenciais: ambulatório médico e odontológico; aulas de educação básica; campanhas de distribuição de leite para crianças; de roupas e gêneros alimentícios.

E como arcabouço de todo o trabalho, a fé inquebrantável, a crença em Deus, o amor ao próximo, e uma humildade tão profunda e autêntica que chega a comover os mais empedernidos.

Vandir concilia tudo isso. E, muito calma, nunca parece afobada nem preocupada. Assim é Vandir, a mãe dos favelados do Jardim Campineiro e do São Marcos.

DONA MARIA, A PROFESSORA INESQUECÍVEL

A professora de Música dona Maria Guidice de Albuquerque Cavalcanti, hoje octogenária, trabalhou durante 42 anos na Escola Normal, tendo lecionado milhares de alunos, cuidado da família e dos filhos pequenos, e se dedicado à arte com o mesmo encantamento de sua primeira récita.

Hoje ainda sua voz pura e forte, de timbre privilegiado, conserva as mesmas qualidades. Muita gente, hoje importante, ouviu-lhe as lições de Música, e aprendeu com ela a beleza de canções que ficaram para sempre: "Safiras", "Opalas", "Meus

Oito Anos", "As Duas Flores", "Todos Cantam Sua Terra"...

O amor pela Música, ela o transmitiu aos alunos, estimulando-os a que cantassem, ensinando-os a amar a magia dos sons. Se a Música é, como se diz, a linguagem universal da compreensão, ninguém melhor do que dona Maria a usou, transmitindo emoções, despertando sentimentos elevados, acordando do fundo da alma de seus alunos um interesse pelo bem, pela beleza, pela arte.

Dona Maria sabia dar brilho às festas escolares, às formaturas de fim de ano, às comemorações cívicas. O seu Orfeão tornou-se famoso no Estado. E a própria Escola Normal era o orgulho da cidade com mestres de renome e um ensino de alto nível.

Mais do que professora, Dona Maria, que teve mestres estrangeiros e notável experiência como musicista, cantou como Verônica nas célebres Semanas Santas, de Itu. Foi também a única cantora do Brasil a acompanhar o Tenor Camargo, artista de renome internacional e muito exigente.

Quando dona Maria completou 30 anos de trabalho poderia ter se aposentado. Mas, quis prolongar por mais alguns anos seu contato com a juventude estudiosa. Somente deixou o magistério quando a compulsoria a atingiu. Voltou a ser apenas dona de casa, sempre acompanhando o progresso e a vitória de seus ex-alunos, em cujo coração ela continua inesquecível.



Diversificado cada vez mais o trabalho da mulher, que procura colaborar no orçamento familiar